

FACON – PÓLO A CASA TOMBADA
ANALU PANDORF MERCANTE

Ouvir, ler, imaginar e compartilhar: partilhas de experiências de leitura na escola

SÃO PAULO, 2021

FACON – PÓLO A CASA TOMBADA
ANALU PANDORF MERCANTE

Ouvir, ler, imaginar e compartilhar: partilhas de experiências de leitura na escola

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à FACON – Pólo A Casa Tombada para obtenção do diploma de pós-graduação em Narração Artística: Caminhos para narrar histórias em contexto urbano.

Orientadores: Prof^a. Ms. Leticia Liesenfeld e
Prof. Dr. Giuliano Tierno.

SÃO PAULO, 2021

FACON – PÓLO A CASA TOMBADA
ANALU PANDORF MERCANTE

Ouvir, ler, imaginar e compartilhar: partilhas de experiências de leitura na escola

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à FACON – Pólo A Casa Tombada para obtenção do diploma de pós-graduação em Narração Artística: Caminhos para narrar histórias em contexto urbano.

Orientadores: Prof^a. Ms. Letícia Liesenfeld e Prof. Dr. Giuliano Tierno.

Aprovado em: ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA:

SÃO PAULO, 2021

Agradecimentos

A Letícia Liesenfeld e Giuliano Terno, por nos guiar nesta jornada cheia de tombamentos.

Aos professores convidados que compartilharam conosco tantas experiências.

Aos colegas da XIV turma de pós-graduação, com quem compartilhei emoções, lágrimas, escutas e muitas inspirações.

Às amigas Jacqueline Iumati, Lucliene Pizzoquero e Michele Nery, pela escuta, partilha e convivência.

Às bibliotecárias queridas Ana Cechinel, Debora Maciel e Silvana Stacco, que me acolheram, ouviram e contribuíram tanto para o meu trabalho quanto para o meu desenvolvimento pessoal.

Às equipes diretivas e de coordenação dos colégios Fidelino de Figueiredo e Liceu Coração de Jesus, que me apoiaram em cada ideia e projeto realizado.

Aos queridos alunos, que me inspiram e me movem para experiências diversas e inesquecíveis.

Aos amigos professores, que compartilham comigo leituras, reflexões e projetos.

A Ricardo, companheiro e parceiro de vida, que me apoia em cada voo, e Raul, meu filho, inspiração para contar histórias.

Ouvir, ler, imaginar e compartilhar: partilhas de experiências de leitura na escola

Resumo

Este trabalho retrata um pouco da vivência de uma professora em sala com a experiência leitora, partindo de contribuições de vozes que estudam a leitura e a formação de leitores. Além das reflexões apresentadas, há a partilha de experiências vivenciadas na escola pública e na escola privada com crianças e adolescentes do Ensino Fundamental 2.

O objetivo é mostrar como a professora propõe iniciar ou aprimorar o caminho literário de seus alunos, trazendo propostas variadas de textos, descobertas infinitas por esse bosque da leitura e, principalmente, a esperança de se lançar sementes para que esses alunos possam cultivar muitas experiências literárias.

Palavras-chave: leitura; leitor, experiência literária, partilha.

Sumário

Introdução	6
1- Escola – lugar de experimentação.....	8
2- Professor – leitor, contador de histórias, formador de leitores.....	12
3- Experiências literárias.....	18
3.1. <i>O pequeno príncipe</i> , de Antoine Saint-Exupéry	18
3.2. <i>Malala, a menina que queria ir para a escola</i> , de Adriana Carranca.....	21
3.3. <i>O caçador cibernético da rua 13</i> , de Fábio Kabral (Encontro com o Afrofuturismo).....	24
Considerações Finais.....	28
Referências	29

Introdução

Como cheguei aqui...

O trabalho aqui apresentado é o fruto de minha experiência na escola, uma vez que a experiência não se faz sozinha, principalmente quando se é professora e se tem um universo de possibilidades para se vivenciar, aprender, dividir, reproduzir e partilhar.

Acredito que nasci professora; na memória mais remota de infância e adolescência, não me recordo de ter pensado em outra coisa... só me lembro de brincar em casa com meu irmão na porta do banheiro com giz que trazíamos da escola, é claro que eu era a professora... Em 1984, estava na antiga quarta série e meu irmão, na segunda; passamos o ano todo deixando minha avó, que cuidava de nós, “louca” com a “sujeira” na porta... até que, no final do ano, próximo ao Natal, minha mãe trouxe-nos de presente uma “lousinha”. Lembrome, nitidamente, do meu irmão entrando correndo em casa, feliz, gritando por mim e dizendo: “Nalu, a mãe comprou uma lousa, a mãe comprou uma lousa!!!”... Que felicidade que foi. “Agora seríamos profissionais”, mas a parede do banheiro não foi abandonada, afinal, eu fiquei com a lousa e meu irmão continuou com a porta do banheiro.

Anos mais tarde, Final do Ensino Fundamental II (e foi até o final do ensino médio), percebi (ou perceberam) que eu “sabia” algumas matérias e, sempre que tinha prova, os amigos iam estudar em casa para eu explicar a matéria para eles, sem a lousa do banheiro... agora, com um painel em casa ou a lousa da sala de aula, “quase profissional”. Então, foi o curso de magistério, alguns estágios, teatros para alegrar a criançada, e, enfim, a Faculdade de Letras, depois de passar pelo dilema: Letras ou Pedagogia.

Assim, no dia cinco de maio de 1996, entrei em sala de aula pela primeira vez!! E. E. “Prof. Teotônio Alves Pereira”, quinta série C na primeira aula, seguido de outras aulas na quinta série. Debutei na quinta série, hoje, sexto ano, será que por isso gosto tanto desse segmento? É claro que não foi fácil no começo,

último ano de faculdade, “crua”, sem experiência, mas com uma vontade imensa de provar tudo aquilo. Daí então segui meu percurso pela educação, nem sempre fácil, com atribuições de aulas exaustivas e, às vezes, decepcionantes, o que me levou a sair da rede pública por um tempo com o voto de só voltar quando me efetivasse... e assim foi... juntamente com o trabalho de revisora de textos em uma editora, volto à rede pública, efetiva, sentindo-me super especial e competente.

Mais tarde, continuando na rede pública, depois do mestrado, entro também na rede privada e, hoje, são 25 anos de magistério, com tropeços, desafios, momentos de angústia, de alegria, satisfação, amadurecimento... e sempre com a convicção de que foi a minha decisão e é o que escolhi ser: PRO-FES-SO-RA!!!

1- Escola – lugar de experimentação

“Precisamos de histórias, de poemas e de toda a literatura possível na escola, não para sublinhar ideias principais, mas para favorecer uma educação sentimental.”
(Yolanda Reyes)

Muito se fala de que o aluno perde o gosto pela literatura na escola; será? Talvez um conteúdo “engessado”, com habilidades e competências a serem cumpridas ou, no Ensino Fundamental II, deixar a capacidade leitora apenas para Língua Portuguesa, que, por conseguinte, enfrenta, também, a preocupação com a gramática. Será que tudo é “culpa” da escola, que ainda enfrenta o desafio de uma educação conteudista? Será que a escola e professores, realmente, têm a liberdade de ir além? Ou alguns ainda sofrem resquícios da educação recebida e, também, acaba por não proporcionar o encantamento pela leitura? Como uma professora apaixonada pela leitura/literatura poderá despertar em seus alunos esse mesmo gosto? Michèle Petit acentua que o grande desafio para o professor é, justamente, transmitir o amor pela leitura (PETIT, 2008:154). Pensando nisso, como a escola pode oportunizar a experiência significativa da leitura?

Há comentários de que, antes, na Educação Infantil e no Ensino Fundamental I, eles gostavam, ouviam as histórias, imaginavam e embarcavam nas diversas contações a eles apresentadas e que, depois, no Ensino Fundamental II, isso se perde.

Quando se pergunta o motivo de o aluno deixar de apreciar a leitura na escola, Yunes é categórica:

Eu antes me pergunto o que fizemos para que ela deixasse de ter prazer em ler, em alargar seus horizontes de mundo, porque todas elas a princípio viajam para os mundos extraordinários que as narrativas lhes oferecem, até que, começando a ler solitários e constrangidos, ou seja pelo código da vida e da palavra, seja pela imposição da travessia, se afastam e desgostam de ler. Descobrem, na escola, que não sabem nada, que há “uma resposta certa”, com o que atinam, atrás de cada pergunta. A criança que costumava pensar sem a consciência de que o fazia

sabe agora que não consegue pensar e não vê meios para começar a fazê-lo. É como se ela se desumanizasse. Ela perde a voz e a linguagem que, justo, a faz humana. (YUNES, 2002: 44)

Que reflexão profunda!! O que nós, como escola (ou como professores?), devemos fazer para não “matar” essa imaginação, essa vontade de leitura que antes assolava as crianças? O que, de fato, temos feito e poderemos fazer para que essas crianças entrem e mantenham-se na escola com desejos, sonhos e não sejam “desumanizadas”? Qual, então, o papel do professor mediador de leitura na escola? Será que só temos exemplos negativos? Ou temos caminhos humanizadores a seguir?

É claro que já vimos exemplos em que o aluno/jovem começa a detestar determinados autores na escola, mas há também inúmeros casos em que a criança/jovem tem contato com livro, pela primeira vez, na escola; aconteceu comigo na antiga 5ª série, hoje sexto ano, com o livro *A ilha perdida*, Coleção Vagalume, aula de Língua Portuguesa, professor Jairo... ainda guardo na memória a emoção da aventura de Eduardo e Henrique e a conversa pós leitura com toda a sala, alguns achando que era correto Simão permanecer na ilha, isolado, afinal, era o gosto dele; eu, como leitora iniciante, achava que Simão deveria sair de seu “habitat” e ir morar com os meninos, pois leva um tempo pra entendermos que a leitura nem sempre vai nos trazer o “fechamento moldado”, idealizado por nós... leva um tempo para percebermos a beleza mesmo nas histórias tristes, sem finais acabados, etc. Depois disso, intensas e repetidas idas à biblioteca com o objetivo de ler a coleção inteira.

Ainda teve a animação, naquele mesmo ano, com o livro *O gênio do crime*, que também ecoa em minha memória: cada discussão e comemoração com a turma do Gordo; a busca pelas figurinhas, um crime a ser desvendado, aventuras que nos sufocavam e nos faziam correr logo depois da lição para ver se tínhamos mais uma pista e, no final, há aquele final surpreendente, que parecia filme... e a agitação da classe a cada discussão!! Foi na escola que me descobri leitora; portanto, a escola, sim, também, tem essa função.

Anos mais tarde, foi um professor de Língua Portuguesa da escola pública em que estudava, professor Marinho, que despertou em mim o desejo não só ainda maior pela literatura, mas também pelo curso de Letras. Ainda hoje tenho na memória as maravilhosas aulas, com declamações de “O navio negreiro”, “Ismália”, “Marília de Dirceu”... os tão “temidos” (na época) autores literatos, imagina o encontro com José de Alencar? Machado de Assis? Jorge Amado? E o professor comentando conosco, lendo alguns trechos, declamando poemas, propondo reflexões...

Pensando nessas experiências, recorro novamente a Michèle Petit, que acentua a dualidade presente:

(...) a escola que repele a leitura se contrasta aos enunciados positivos relativos ao professor como indivíduo e sua influência positiva sobre a motivação do aluno... com esse professor, a língua, a literatura tornam-se acolhedores, hospitaleiros... os textos “empoeirados” ganham vida. (PETIT, 2008:160).

Posso assegurar que vivenciei isso, tendo professores que não me fizeram repelir a leitura/literatura, pelo contrário, alçaram-me para que eu voasse com os textos lidos, viajasse nas inúmeras aventuras e sofresse (ou me enchesse de alegria) juntamente com cada personagem... é isso que tenho buscado em minha vida profissional.

É claro que há públicos variados na escola, uma diversidade imensa e incrível, com crianças que tiveram pais leitores e acesso tão cedo à leitura e já vêm “formadas” como leitores e, então, o professor vai moldando, indicando novas perspectivas, novos caminhos... como também há o aluno, por inúmeras razões, que vem “raso” como leitor ou até, totalmente, reticente, dizendo não gostar de ler e cabe à escola mostrar que ler, também, é divertido, que a leitura não é para fazer provas, mas que a leitura nos leva a diversos caminhos e até ao autoconhecimento.

Dessa forma, pensemos a escola como a “porta de entrada” para o universo da leitura, o lugar em que se pode ter acesso às leituras que fazem falta (PETIT, 2008:160) a determinadas crianças e jovens. Portanto, a leitura pode,

também, ser ensinada na escola, e o aluno necessita de alguém que o guie para novas descobertas literárias ou até que indique a chave para essa descoberta.

Assim, a escola deve possibilitar

(...) textos efetivamente literários, abertos, polissêmicos, da melhor qualidade, que sejam capazes de provocar o leitor das mais diferentes maneiras e evitem caminhos demasiadamente facilitadores e demagógicos [...] um professor que se assuma plenamente como sujeito do processo, muito consciente da eleição dos textos literários que deve fazer para seu trabalho. (BAJOUR, 2002: 11-2)

A escola, como lugar de experimentação, deve apropriar-se da fala de Bajour e instigar professores e alunos a vivenciarem experimentações diversas, dando possibilidade da escuta e da palavra, formando seres dispostos a lerem o mundo, a experimentarem gestos, ações em busca do encantamento de tal forma que aluno + professor + leitura tornem-se realmente ESCOLA.

2- Professor – leitor, contador de histórias, formador de leitores

“Para transmitir o amor pela leitura, e acima de tudo pela leitura de obras literárias, é necessário que se tenha experimentado esse amor”.
(Michèle Petit)

O professor, em sua busca por cativar novos leitores, exerce várias funções, além daquelas já esperadas e determinadas pela escola. Se de um lado, temos um cronograma curricular a ser cumprido, esperado e almejado por grande parte da escola; do outro, existe uma professora que não quer apenas isso, pelo contrário, quer apresentar um mundo novo por meio das histórias... Assim, a professora, além de leitora, também é contadora de histórias e formadora de leitores.

Como leitora, procuro demonstrar o quão interessante é a leitura e o que ela me instiga e pode, também, provocar neles, despertando o desejo e anseio por novas descobertas da parte dos alunos. É estimulante compartilhar leituras diversas e possibilitar novos caminhos literários.

A experiência e a partilha do professor para com os alunos são fundamentais, não somente o professor propondo histórias, mas também ouvindo e recebendo o que vem do aluno. Quantas trocas eu já experienciei em sala... isso é tão bom quando eles também nos trazem pontos de vistas, histórias, às vezes, até nos tirando da zona de conforto e nos levando a conhecer outros caminhos.

O professor leitor é aquele que transmite a leitura por prazer (Pennac), transmitindo aos alunos a sua paixão pela literatura a ponto de atingi-los e ver esse sentimento partilhado. Quando isso acontece, não há mais caminho de volta, uma vez que foram fisgados, então, cada vez mais, buscarão novas iscas para provarem do banquete literário.

Pennac lança um desafio ao professor: E se, em vez de exigir leitura, o professor decidisse de repente partilhar sua própria felicidade de ler? (p. 80)

E essa felicidade de ler me acompanha diariamente em minha prática, instigando-me a fisgar cada aluno para vivenciar esse mesmo amor pela leitura. E tudo aparece de forma tão natural... a cada livro que vou apresentar, a cada história contada e compartilhada com eles... esse amor vai fluindo e se multiplicando pela sala.

Quando vou apresentar o livro que selecionei para trabalhar, lanço a isca no mar de olhos curiosos que me cercam, esperando que esta seja fisgada, experimentada e, claro, compartilhada; o primeiro contato com a nova história é fundamental, acredito que a forma como apresentamos e nos entusiasmos com a obra a ser lida já é a porta de entrada para um novo mundo que poderá surgir na frente deles... e tem dado certo; cada livro escolhido e apresentado tem uma “aula inaugural”, aquela aula que busca cativar leitores... leitores que poderão enveredar, futuramente, sozinhos por caminhos sinalizados e iniciados, nada fechado, pois a função da professora leitora é compartilhar com cada aluno o prazer da leitura, sem amarras, obrigações acadêmicas formais, sabendo também ouvir e estar aberta para várias possibilidades leitoras.

Nesse momento, também, entra a professora contadora de histórias, que lança mão de mais um recurso para despertar o interesse pela leitura.

“Precisamos, pois, de professores contadores de histórias. Quaisquer que sejam. Momento de troca, de iniciação ao mundo da leitura.”
(Caio Riter)

Professores contadores de histórias... quais histórias? Histórias reais? Vivenciadas ou observadas por eles? Histórias dos livros? Histórias da família? Histórias (de)da Escola? Histórias de TUDO!!! Sim, histórias estão presentes em nossas vidas. O professor tem história para contar, o aluno tem ouvidos e mais ainda para partilhar. Essas mesmas crianças e jovens, quando se reúnem, trocam e compartilham histórias.

O professor que começa a aula contando uma história... o professor que conta a história do autor... o professor que conta a história para incentivar novas leituras... Afinal, a quem cabe o papel de contar histórias na atualidade? Será que a família tem compartilhado histórias? Ou deixaram a cargo da televisão, Internet, etc.? Temos ainda pais, avós narradores de histórias? Todas as crianças podem contar com esse privilégio? Quem está contando histórias para nossas crianças e jovens?

Assim, como as histórias fazem parte da nossa vida, da nossa existência, não há como não compartilhar com os alunos e instigá-los... despertar a curiosidade do aluno ao apresentar a capa de um livro e “brincar” sobre o que pode conter lá...

As histórias podem e devem estar presentes na escola, cabendo também ao professor apresentá-las, tirando do estado de “livro”, passando-as ao estado de “pássaros”, que voarão pra diversas mãos e ouvidos.

Além disso, cabe outro questionamento: Por que será que as histórias, ou melhor, a prática de se narrar histórias, na escola, fica restrita à educação infantil ou, no máximo, ao fundamental 1? Ou para um professor específico, como se fosse algo não valoroso para aquele ambiente?

Deixar de contar histórias quando as crianças passam para o fundamental 2 dá a impressão de que, desse momento em diante, não se pode mais imaginar, sonhar, vivenciar experiências criativas, causando a impressão de que, agora, “não é brincadeira”, “só coisas sérias, perda de tempo” e por aí vai... na fala de Yunes, já citada anteriormente, “desumanizar as crianças”.

Para Caio Ritter (p. 70), “quem gosta de ouvir histórias jamais deixa de gostar. A contação de histórias independe da idade do público”. Exatamente isso, quem não gosta de ouvir e compartilhar histórias? Por que não narrar histórias na escola? Não somente o professor, mas também que os alunos possam contar e trocar histórias?

A partir desses questionamentos, observei o que, de fato, tenho experimentado em sala. Há histórias o tempo todo, mesmo quando não se quer dizer que é o momento de histórias; quantas vezes começamos a ler em conjunto um texto e, de repente, já vem um aluno partilhar com a sala uma experiência, ou seja, uma história, ou até sugerir novos caminhos literários.

Outra experiência bem interessante é contar as histórias dos autores, principalmente as curiosidades, eles adoram e chegam até a pesquisar mais para depois compartilhar com a sala e a professora. O melhor ainda é quando, de forma despretensiosa, eu, em sala, começo a narrar uma história, seja no começo da aula, seja no final, seja dentro da proposta da aula ou ainda fora do contexto do que vai ser estudado, afinal, as histórias, na escola, servem apenas para ilustrar o conteúdo a ser ensinado? Claro que não!!

E isso é o melhor de tudo: as histórias estão em toda a parte e uma vez experimentado esse momento tudo muda... os alunos mais novos recebem de prontidão, sem juízo de valor e adoram, chegando a pedir em tantos outros momentos para se ter mais uma história narrada, já os adolescentes foram se adaptando; no começo, quando comecei a trazer a contação para a sala de aula, percebia aqueles olhares de lado, risadinhas, afinal, não são mais crianças e o que eles têm em mente sobre isso é que histórias são para as crianças, mas, no depois de inúmeros momentos foram fisgados e, então, passam a também pedir novas histórias.

Então, a professora, em seu papel de mediadora de leitura ou formadora de leitores está lá, na sala, sugerindo, partilhando, narrando e ouvindo histórias.

“Um professor de leitura é, simplesmente, uma voz que conta; uma mão que abre portas e traça caminhos entre a alma dos textos e a alma dos leitores.”
(Yolanda Reyes)

Despertar o interesse pela leitura é o que mais me dá prazer em minha prática educativa, apresentar um livro, ler com os alunos e pontuar com eles a

poesia presente que, talvez, passasse despercebida em um primeiro momento (iniciação literária) e, aos poucos, ir ouvindo o que cada leitura trouxe até eles; ouvir deles o que o texto tenha despertado é a melhor coisa para um professor que anseia formar leitores.

Um livro que tenho trabalhado há algum tempo e me permite isso é *Kafka e a boneca viajante*, de Jordi Sierra I Fabra: imagina dividir com uma sala de alunos de onze/doze anos a leitura de um livro que narra um acontecimento tão lindo e singelo de um autor que eles nunca ouviram falar? Mas é possível!! E eles leem... de forma tímida no início, perguntam ou até pesquisam em casa ou na Internet sobre Kafka, livremente, chegando até a perguntar e a se interessar pelo livro *A metamorfose*, que narro rapidamente para poder explicar o que quer dizer a dedicatória presente no livro.

Aqui a pressa não tem vez, não pode ter vez, ouvir o que toca em cada um, ficar meia ou uma aula inteira debruçada na seguinte dedicatória:

*“Para Franz, do besouro que um
dia acordou como menino.”
(Jordi Sierra I Fabra)*

Explicar, ou melhor, “contar a história” do livro *Metamorfose*, de forma simples, para que entendam o que essa frase significa e ver o brilho que sai do olhar de cada um... e, depois, em sucessivas rodas de leitura, ler junto com eles, indicar o caminho, descobrir novos roteiros e encantamentos e ouvir deles que estão lendo em casa com a avó, mãe, pai, sem ficar tentando achar lógica na viagem de uma boneca que um dia está em Paris e no outro do outro lado do mundo.

E, no final, além de ouvir os diversos depoimentos e compartilhamentos até de pais, ainda presencio alunos indo à biblioteca em busca da obra-prima de Franz Kafka.

Esse caminho vai sendo traçado leitura a leitura, texto a texto, história a história. Ouvindo deles suas experiências literárias, partilhando com eles novas leituras e compartilhando na escola toda a experiência leitora.

3- Experiências literárias

“Todo aquele que se apropria da sua experiência é capaz de se apropriar de si mesmo e começar a ler o mundo e a sociedade em torno e além”.
(Pedro Benjamin Garcia)

Muitos livros já fizeram parte da minha vida e da minha prática educativa, inúmeras experiências que me formaram (e continuam formando) como professora. Cada livro, cada turma é uma história a ser contada, uma experiência a ser compartilhada. Escolher três para partilhar aqui não foi fácil. Cada livro aqui apresentado tem uma história de encontro.

Descreverei, a seguir, cada encontro que foi realizado com muito afeto. **O pequeno príncipe**, livro que me acompanha, como se fosse a minha segunda pele; **Malala – a menina que queria ir para a escola**, história de uma menina de garra e fibra que me encanta e deveria servir de exemplo para várias crianças, e **O caçador cibernético da rua 13** (encontro com o Afrofuturismo e Pantera Negra), que me jogou para um universo totalmente novo, em que pude me descobrir, também, aluna.

3.1. **O pequeno príncipe, de Antoine Saint-Exupéry**

“O essencial é invisível aos olhos.”
(Saint-Exupéry)

O que dizer quando se trabalha com um dos livros que mais gosta? É uma responsabilidade misturada com frio na barriga, pois é aquele momento que você deseja transmitir aos alunos a mesma paixão que você tem pela obra. Não sei nem dizer quando foi a primeira vez que li o clássico de Antoine Saint Exupéry, não me lembro quando fui tocada pelo livro, parece que ele já nasceu e cresceu comigo. A lembrança de infância que tenho é de assistir à adaptação para o cinema em um sábado à tarde, se o livro chegou antes do filme em minha vida já não me lembro, foram tantas leituras já do livro e sempre parece a primeira vez: leitura sozinha, leitura para o filho, leitura com amigos, leitura para trabalho na primeira pós-graduação, leitura partilhada com os alunos...

Lembro-me de ter trabalhado o livro pela primeira vez na rede pública na EE Caetano de Campos em 1999, ainda de forma muito tímida, meu quarto ano de magistério, mas naquela época me chamou muito a atenção de como os alunos de quinta série (hoje sexto ano) ficaram encantados, embarcaram e tinham como desfecho certo de que o príncipezinho havia, realmente, retornado para seu planeta com a picada da serpente; na discussão que fizemos sobre a obra, foi unânime, ele voltou sim para sua rosa. E ponto final! “Os adultos são esquisitos”, já as crianças conseguem “enxergar com o coração”.

Anos mais tarde, depois de já ter mudado inúmeras vezes de escola, voltei a usar a obra na escola atual em que trabalho, EE Prof. Fidelino de Figueiredo, uma escola de luta e muito especial, o lugar que sempre quis estar... Lá chegando, com o sexto ano, deparei-me com 34 exemplares do livro, que poderia ser usado com os alunos em leituras coletivas. Que alegria!!!

Então, já são quatro anos que utilizo o livro, partilhando com eles as aventuras daquele pequeno príncipe que sai de seu planeta desejoso de fazer amigos, triste com a rosa que deixara em seu planeta, conhecendo seres diversos a cada lugar visitado até chegar ao planeta Terra, descobrindo com a raposa o real sentido da palavra “cativar”, deixando na memória do piloto o riso mais doce e ingênuo que se possa conhecer.

Foram várias tardes deliciosas de leitura; em uma grade de seis aulas semanais, são separadas, sempre, duas aulas, para o momento de partilha literária. É claro que cada classe se comporta diferente, algumas mais tímidas, poucos querem ler no início (aqui a leitura não é obrigatória, lê quem se sente à vontade, quem quer), outras já com entusiasmo exacerbado... e as semanas vão se seguindo... leituras, comentários, interpretações variadas, alunos que reconhecem algumas das personagens como pessoas próximas... não há certo ou errado, há conversa, escuta, partilha.

Depois da obra lida, vamos dar espaço à imaginação! Ficha de leitura, não; prova, nem pensar!! O melhor já foi feito, a leitura, mas para encerrarmos

com chave de ouro: uma exposição, em que cada dupla, grupo (tudo muito livre, dentro das possibilidades dos alunos e da realidade da escola) escolherá um capítulo para compartilhar com os colegas, recontando em uma caixa de sapato. O desafio é dado, grupos escolhidos e capítulos selecionados, trazendo o material que tiver, vão sendo produzidas obras de arte, cada qual lançando mão de sua imaginação, todos participando, conversando sobre o capítulo e o que é curioso: querendo saber do capítulo do colega e até opinando no trabalho alheio.

A primeira exposição foi tímida, mas bonita e envolvendo todos os alunos, que ficavam orgulhosos de apontar para os visitantes o trabalho desenvolvido e finalizado. No ano seguinte, quis inovar e propus, além das caixas dos capítulos, dobraduras com as personagens da obra e, é claro, que os alunos nos surpreendem ainda mais, não só executando o trabalho proposto, mas também ajudando uns aos outros, ensinando as dobraduras e trazendo mais elementos para a exposição; o resultado de tudo isso não poderia ser melhor: muito orgulho e satisfação, principalmente quando mostram e contam, de forma despretensiosa, para os amigos e visitantes o capítulo reproduzido.

Para finalizar, não poderia deixar de mencionar que o trabalho iniciado na rede pública foi, também, para a rede particular, no outro colégio em que leciono, Liceu Coração de Jesus. O coordenador, vendo o trabalho desenvolvido na outra escola, sugeriu a adoção do livro, lançando o desafio de se trabalhar interdisciplinarmente com Ciências, pois vislumbrou os diversos reinos presentes no livro. Então, o príncipezinho, também, aterrissou no Liceu, e os trabalhos da escola pública serviram de inspiração para outro projeto, em que contou, além da leitura compartilhada e discutida, é claro, com as caixas, dobraduras, painel de recados e os seres vivos relacionados, pesquisados e apresentados nas diversas formas criativas pelos alunos, que se apresentaram, confiantes e orgulhosos, para os alunos da Educação Infantil e Ensino Fundamental I.

Enfim, a literatura cumprindo o papel de agregar, socializar, encantar, emocionar e, novamente, promover a partilha.

3.2. *Malala, a menina que queria ir para a escola*, de Adriana Carranca

Adivinhem qual foi a primeira coisa que Malala pediu que levassem para ela no hospital, quando acordou? Livros! (Adriana Carranca)

Tento achar o início perfeito para esta experiência; sempre me emociono ao falar de Malala. Considero uma história inspiradora que dever ser espalhada por todo o mundo, uma história de coragem, desafios, entrega e superação. Dessas histórias que queremos contar e recontar.

Engraçado pensar em como alguns livros chegam até nós. Em um curso que fiz há muito tempo com o professor Gabriel Perissé enfatizou: “Não somos nós que escolhemos os livros, são os livros que nos escolhem”. Alguns vão dizer que é um clichê, mas o fato é que esse livro não só me escolheu como me perseguiu e me encontrou. Detalharei o nosso encontro.

Como professora de Língua Portuguesa e leitora, acabo sempre seguindo perfis em redes sociais de autores, editoras e grupos de leitura. Em um dia do ano de 2015, eu vi um *post* da Companhia das Letrinhas que descrevia o livro *Malala, a menina que queria ir para a escola*, de Adriana Carranca. O *post* chamou-me a atenção, li e lembrei-me vagamente do que já havia ouvido sobre a jovem paquistanesa que havia sofrido um atentado, ficando entre a vida e a morte, e que lutava pelo direito de ir para a escola. Vi que era uma edição para crianças. Oba! Palavra mágica, atendia ao público que eu trabalhava (professora é assim: vê alguma coisa e já pensa em usar em sala de aula). Eu compartilhei o *post* em uma rede social e escrevi: “Eu quero!”

E o destino me ouviu... passados alguns dias, semanas, não dá pra ser tão precisa assim, na sala dos professores, uma amiga professora viu o livro e me mostrou, perguntando se não era aquele livro que eu queria. Imagina como fiquei? Era o exemplar de divulgação da editora e estava lá só me esperando,

paradinho apenas esperando eu encontrá-lo para que eu o tirasse do estado de livro e pudesse voar.

O encontro não só aconteceu, como adotamos o livro na escola particular que lecionávamos na época, Salesiano Santa Teresinha. Trabalhei com o livro dois anos, em parceria com as professoras de História e Artes, montamos um lindo e rico painel para discutir a história, apresentando Malala. Foi o início de tudo. Foi legítimo o trabalho, mas ainda faltava algo.

Após dois anos, consigo levar o livro para a rede pública, com uma verba que veio do governo federal, a diretora da EE Prof. Fidelino de Figueiredo autorizou a compra de 34 exemplares e, então, novos capítulos foram escritos.

Não posso negar que a história da menina que lutou para ir à escola chama a atenção das crianças, tanto na escola privada quanto na rede pública. Além das meninas observarem e questionarem o cerceamento que a mulher sofre dentro da cultura islâmica. Sempre gera ótimas discussões e reflexões.

Mas foi na escola pública que vi algo surpreendente tomar conta das rodas de leitura. Discussões acirradas e o “efeito Malala” como ficou sendo chamado na escola, pois Malala deu voz a várias crianças que passaram a compartilhar, nos ricos momentos de leitura, com os colegas e as professoras envolvidas no projeto, suas próprias vidas. Malala deu vazão para que eles/elas se indignassem, percebessem o tratamento dado à mulher naquela e na nossa cultura. Além de algumas crianças começarem a se abrir e a relatar casos vivenciados com elas, alguns bem fortes. Tudo isso graças à literatura.

Foi algo forte e comovente, a cada roda de leitura novas histórias se juntavam à história de Malala, de forma natural, conforme a leitura avançava, novas vozes queriam ser ouvidas, novas vozes buscando e tendo espaço naquele lugar, experiências sempre ouvidas com muito respeito por todos que ali estavam, histórias lançadas e acolhidas. Às vezes, no silêncio, como se tomados pelo susto de cada revelação, outras vezes, vozes que não se sentiam mais sozinhas, pois ouviam do outro as mesmas coisas que passavam

momentos de emoção, de acolhimento e, também, de indignação, porém algo ficou marcante: essas vozes vinham não só com sentimentos, mas com firmeza de quem não desiste da luta, com esperança de que poderiam fazer a diferença e de que teriam força se estivessem juntos!

Experiência vivenciada no ano de 2019. Algo que nos pegou de forma inesperada, mas que nos aproximou e muito dessas crianças que nos confiaram suas histórias e tornaram a leitura da obra um momento ímpar, de escuta e de afeto.

Só isso já basta. Acredito que a leitura aqui cumpriu seu papel social, se assim podemos dizer, mas como estamos em uma escola, sempre, esperavam algo para se fazer após a leitura. (Ainda penso muito nisso, de um dia ler o livro e pronto, apenas partilhar a leitura e ver o que acontece, mas enquanto isso não chega, ou não toma forma, pensamos em formas variadas de nos aprofundarmos na leitura, pensar o que a aquela leitura nos causou, etc. mas NUNCA prova).

No primeiro ano de Malala na escola pública (2018), tivemos uma experiência mais voltada na curiosidade pelo grupo terrorista Talibã e, novamente, no tratamento dado às mulheres. Nesse ano, em conjunto com a professora de Artes, aventuramo-nos no teatro, dividindo os capítulos da obra nas três salas envolvidas, com elaboração de roteiro e adaptação da obra, figurinos, ensaios e criação do cenário, em que tivemos a participação da comunidade, os pais foram à escola e montaram o cenário. No dia, nervosismo, emoção e muito orgulho.

Já em 2020, o ano do “efeito Malala”, o que faríamos? Um rico painel sobre a obra e a vida de Malala, com ilustrações diversas elaboradas pelos alunos, algumas bem críticas, frases proferidas por Malala e pesquisadas por eles, textos escritos pelas crianças, moldes de diversos tipos de véus usados dentro da religião mulçumana. Enfim, tudo o que gerou curiosidade e interesse deles.

É claro que me surpreenderam mais uma vez: vi alunos não alfabetizados (sim, infelizmente, ainda chegam crianças não alfabetizadas ao sexto ano da escola pública) participando, fazendo ilustrações e escrevendo pequenas frases,

crianças que trouxeram além do que pedi: quadros, bonecas de pano, boneco tipo “Minecraft”, cartazes com desenhos bem elaborados. Muito empenho, dedicação e criatividade. A exposição é um adendo, pois a grande transformação aconteceu durante a leitura, mas vê-los novamente felizes com o resultado, indo lá procurar o trabalho feito e felizes ao encontrar e mostrar para o colega são situações que nos fazem pensar o quanto somos responsáveis por eles e o quanto é transformadora e enriquecedora a experiência da leitura.

3.3. O caçador cibernético da rua 13, de Fábio Kabral (Encontro com o Afrofuturismo)

A leitura pessoal e compartilhada é paciente porque sofre a esperança, a dor da incompreensão, o trânsito, isto é, a passagem (a paixão) de um ao outro.

(Eliana Yunes)

A culpada da seleção desta obra foi uma pessoa que admiro muito, Ana Cechinel, a bibliotecária do Sesc Bom Retiro (como a denominava antes), que por vezes me ouvia e me instigava a conhecer coisas novas, que me acalmava com aquele título que eu buscava e não sabia o que queria, que dialogava e trocava comigo confidências sobre política, vida e, muita, literatura. Aquela pessoa que chegou de mansinho na sua vida e, de repente, está lá, preenchendo aquela parte fundamental da vida.

Já tivemos tantos bate-papos sobre vida e literatura. Em um desses, em que eu procurava indicação de literatura Afro para eu montar a minha seleção para o ano letivo seguinte, mostrou-me a capa do livro e disse se tratar de Afrofuturismo. Fui logo dizendo que a capa me lembrava o super-herói Ciborgue. Ela já me falou: “não, Pantera Negra!”. É Afrofuturismo, movimento cultural do filme *Pantera Negra* (2018), Ryan Coogler. O Afrofuturismo traz o negro como protagonista, com autores e atores negros protagonistas. Levei o livro emprestado. Utilizo bastante esse recurso. Muitos dos livros que já adotei foram retirados primeiro na biblioteca, lidos e, depois, selecionados.

O destino ajudou ou conspirou, juntamente, com a indicação da Ana, pois na mesma época houve um ciclo de palestras sobre Afrofuturismo e Afrotopia. Estava a professora, como aluna, para conhecer mais sobre o movimento e, de certa forma, se preparar para apresentar a obra e o movimento aos alunos.

Livro escolhido, o filme *Pantera Negra* um sucesso e o ano letivo começou com sua indicação ao Oscar. Tudo, mais uma vez, conspirou ao nosso favor. Para despertar o interesse pela obra pelo oitavo ano foi rápido. De repente, estávamos pesquisando e aprendendo juntos. Na verdade, tenho certeza de que, nesse projeto, aprendi e estive mais vezes no papel de aluna.

Incrível como a literatura tem esse poder de maravilhamento, despertar interesse e instigar para motivar as veias artísticas, talvez, antes adormecidas, pois os alunos viajaram... alçaram voos lindos.

Mas como nem tudo são flores. Inacreditável o que vou narrar, como alguns livros ainda podem ou não ser aceitos em uma escola. É inacreditável que, em alguns momentos, temos de pensar se adotamos ou não o livro, pois direção e/ou pais podem não gostar e rechaçar o trabalho.

Escola particular, católica, adotar um livro que trazia a cultura iorubá. Ritos de religião de matriz africana, casal homoafetivo. Será que poderia entrar em uma lista escolar? Por um momento, houve, infelizmente, hesitação: encaramos ou não?

“O universo conspirava a nosso favor”. A professora de Ensino Religioso da escola, negra, disse: “por que não??? Mas é necessário planejamento, pois há diversidade nas religiões africanas. Com o aval da coordenação, livro adotado.

A leitura transbordou em discussões valiosas e despertou, ainda, a curiosidade por parte dos alunos ao se aprofundarem no universo afrofuturista. Cada dia surgiam novas buscas, novos caminhos foram trilhados nesse bosque da leitura, que não cessa na leitura do livro. Ultrapassa barreiras e constrói pontes. Alunos sentindo-se, finalmente, representados na obra, respeitados e

escutados. Observei que tiveram orgulho em conhecer mais sobre sua ancestralidade, a pesquisar e partilhar as descobertas adquiridas. Além da atmosfera de questionamentos sobre os temas abordados na obra.

Novamente, o projeto, com total participação dos alunos do oitavo ano do Liceu Coração de Jesus. A professora havia lançado apenas a isca e a pescaria seria por conta deles. Trouxeram muitas ideias e fizeram um grupo de apoio, frequentaram a escola no período oposto. Criaram obras de arte para a exposição futura. Cada aluno contribuiu com o que sabia: havia o grupo da pesquisa e linha cronológica, os artistas que desenhariam como “enxergavam” as personagens (e o que é interessante, como a imaginação é livre), os produtores do mural representando a cidade imaginária, os pesquisadores de música, moda e cultura no Afrofuturismo, os pesquisadores de referências audiovisuais, em especial o longa-metragem *Pantera Negra*. Muitas ideias foram surgindo e incorporadas à exposição.

Não podemos deixar de destacar o apoio e parceria de outra pessoa muito importante em todo o processo, do início ao fim, Debora Maciel, bibliotecária da escola. Seu apoio necessário e participação, efetiva, na produção e desenvolvimento do projeto. Compartilhando medos, expectativas, angústias e agregando dicas supervaliosas, como a sugestão da trilha sonora. Bem como a inserção das máscaras do grupo musical *BaianaSystem*, presente de forma sublime no projeto. Ressalto, novamente, a parceria de ideias, de desejos e esperança para transformar a biblioteca e a escola em algo vivo, em transformação. Não poderia haver espaço melhor na escola para expor o resultado que transbordou do livro: A biblioteca, que já era um espaço de troca, meditação e cultura.

Por fim, acredito que este tópico é, também, uma homenagem às bibliotecárias e bibliotecários, que juntamente com professores, possibilitam aos leitores enveredar no mundo das viagens intermináveis:

Não é a biblioteca ou a escola que desperta o gosto por ler, por aprender, imaginar, descobrir. É um professor, um bibliotecário

que, levado por sua “paixão, a transmite através de uma relação individual. (PETIT, 2008:166)

Considerações Finais

Revisitar nossas experiências é algo muito gratificante e foi o que vimos aqui. Não somente isso, mas principalmente experiências de escuta, leitura e partilha, algo que só uma educação transformadora pode nos proporcionar.

Por meio do trabalho aqui apresentado, pude novamente ter contato com histórias que me formaram e me transformaram e, o melhor, compartilhar as experiências apresentadas com qualquer outro leitor (educador) que, também, vê a leitura como algo essencial na vida de nossas crianças e jovens.

A inquietação latente no início era se o professor e, conseqüentemente, a escola, também, devem exercer a função de formar leitores.

Por meio dos relatos aqui apresentados, percebemos como me vi e me percebi leitora, foi na escola que tudo começou comigo e, por isso, levo essa experiência até hoje, com o intuito de, também, partilhar dessa prática na escola.

Percebemos o quanto a escola pode não só formar leitores como também aprimorar os leitores em novas descobertas e encantamentos. O quanto um(a) bibliotecário(a), um(a) professor(a), um(a) colega de classe, nos diversos momentos de leitura e partilha, podem contribuir para novos voos e novas percepções.

Sim, somos mediadores de leitura, além de professores e contadores de histórias, pois estas estão a nosso redor a todo momento e lugar. Vivemos e respiramos histórias. Por que não as ouvir, senti-las e compartilhá-las?

Referências

ANDRUETTO, Maria Teresa. *Por uma literatura sem adjetivos*. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

BAJOUR, Cecília. *Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura*. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

CARRANCA, Adriana. *Malala, a menina que queria ir para a escola*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2015.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura – Uma nova perspectiva*. São Paulo: Editora 34, 2008.

REYES, Yolanda. *Ler e brincar, tecer e cantar – Literatura, escrita e educação*. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2007.

RITER, Caio. *Formação do leitor literário em casa e na escola*. São Paulo: Biruta, 2009.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *O pequeno príncipe*. São Paulo: Agir, 2000.

YUNES, Eliana. *A experiência da leitura*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.